

**FIÉIS E CIDADÃOS: DISCURSOS E NARRATIVAS DO MOVIMENTO
OPERÁRIO NA REGIÃO INDUSTRIAL DE BELO HORIZONTE NA
DÉCADA DE 1970**

Mauro Passos
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
mauruspx@terra.com.br

**Tu estavas mais dentro de mim do que a minha
parte mais íntima.
E eras superior a tudo o que eu tinha de mais elevado.
(Santo Agostinho – Confissões, III, 6)**

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre “A presença e o discurso da Igreja Católica em Belo Horizonte na década de 1970”. Seu objetivo refere-se ao estudo do catolicismo no Brasil na segunda metade do século XX, privilegiando a visão e o testemunho de atores mineiros – clérigos e leigos. Quero, nesta comunicação, analisar a presença e o discurso da Igreja junto à classe trabalhadora.

Pode parecer estranha a epígrafe que busquei para a moldura deste trabalho. Pretendo mostrar a importância da mística na constituição da identidade coletiva dos trabalhadores neste período. A mística tem um papel estratégico na constituição do movimento dos trabalhadores. O termo “mística” diz respeito a uma forma superior de experiência, de natureza religiosa ou religioso-filosófica, além da razão, capaz de mobilizar as energias psíquicas da pessoa. Segundo Henrique de Lima Vaz: “Essas energias elevam o ser humano às mais altas formas de conhecimento e de amor que lhe é dado alcançar nessa vida” (VAZ, 2000, p.9-10). A militância do trabalhador lida não somente com a resistência, mas com a emoção, o desejo, a utopia. O mundo do trabalho não é apenas a luta, mas também os valores, as idéias, os projetos etc. Transcende o senso comum, o imanente, buscando novo sentido para a vida e para as coisas. Assim, a história (a história de vida do trabalhador) parte de uma nova *episteme*, denotando um nível mais elevado, considerando a situação da mística no universo cultural da modernidade (Cf. CERTEAU, 1982).

A pesquisa teve de dois momentos que se completaram. Um levantamento de fontes escritas – jornais, revistas, boletins e documentos oficiais. O segundo momento constou com a história oral para uma maior percepção do olhar do próprio sujeito

pesquisado. Ouvir suas histórias, sua trajetória de vida, sua causa, sua forma de engajamento no mundo do trabalho, suas representações, desejos e projetos. No decorrer do trabalho entrevistei adultos, jovens, senhores e senhoras. Privilegiei os militantes católicos que atuavam em movimentos como a antiga Juventude Católica Operária (JOC) os membros das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e os participantes da Pastoral Operária (PO). A metodologia de trabalho está centrada na mística dos trabalhadores com ênfase na ação, como elemento definidor da natureza do movimento. No que se refere à relação entre Igreja e Classe Trabalhadora, a investigação foi de fonte primária. Há documentos que expressam o pensamento do mundo clerical ou de homens do poder. Junto com o discurso oficial está o mundo real do trabalho com seus projetos, pensamento e a fala do historiador. Algumas questões ganharam relevo no contato com as pessoas e os grupos. A relação entre as pessoas, a participação nos diversos movimentos religiosos e o contato com as famílias foram direcionando meu olhar. Os relatos orais indicavam as trajetórias dos grupos, suas opções pessoais, os silêncios e os passos que orientavam as diversas formas de ação. Os desafios que se apresentavam mexiam com a coletividade e, ainda, com cada pessoa. O exercício de reconstrução destes diversos fragmentos contém a “história dialógica da sua formação e a experiência daqueles que a fazem” (PORTELLI, 2004, p. 313.). Nesta pesquisa privilegiarei as narrativas orais dos trabalhadores. A linguagem oral é uma forma expressiva em torno da qual esse grupo articula sua visão de mundo, seus valores e vivências. Ouvindo os diversos atores, depois de trinta / quarenta décadas, pode-se perceber um movimento nas interpretações das experiências vividas, uma modelagem histórica.

Nas décadas de 1960 – 1970 muitas famílias chegavam do interior de Minas Gerais para Belo Horizonte a procura de trabalho. Concentravam-se na região industrial onde está o pólo industrial com muitas fábricas.

Um redemoinho de imagens compõe o cenário brasileiro de 1960. Atravessa a bruma do tempo e vai-se hospedando na sombra do catolicismo. Solicita interpretações, questiona e desafia. Momento de crises. Vista em profundidade é um convite ao discernimento para trilhar novos caminhos. Oportunidade para uma maior aproximação do religioso com essa história plural.

Foram anos de efervescência e mobilização popular. Paradoxalmente, foi também um tempo de autoritarismo e desrespeito aos direitos humanos. Na verdade, por seu impacto na sociedade brasileira, essa conjuntura merece ser mais trabalhada,

analisada e pesquisada, considerando os diferentes sujeitos históricos que modelaram esse quadro. No seu conjunto, foi um período complexo, caracterizado pelo cultivo de diferentes utopias, como também pela frustração de projetos que animaram inúmeros segmentos da sociedade civil. Era preciso vencer a perplexidade, superar o medo e plantar as sementes de uma revolução ou, então, mobilizar forças para diversas reformas sociais. Período rico de elaboração política, acertos e erros (Cf. DELGADO, 2001). Os retalhos que restam na memória abrigam crises, insurgências, heroísmos de uma realidade em movimento. Lembram, ainda, o silêncio orquestrado de vozes silenciadas. Prova de uma oposição em jogo, incluindo intelectuais, políticos, estudantes, professores, trabalhadores.

O tecido histórico desse período convida-nos a um movimento no olhar. Um diálogo com sua totalidade permite-nos detectar as permanências, continuidades e propostas da experiência do catolicismo. Seu movimento comporta diferentes temporalidades e lógicas no discurso e na prática.

1º. Momento: “No princípio era a Palavra”

A história do Brasil, em seus anos mais recentes, tem se caracterizado por profundas mudanças socioculturais, e por transformações políticas marcantes. Os últimos cinquenta anos foram efervescentes e permeados por inúmeros processos de grande relevância para a vida nacional. Constituídos por diferentes fatores, destaca-se uma significativa alteração do perfil da sociedade brasileira, consequência do crescente processo de urbanização.

Mas, para além das questões sociais e populacionais, o país também percorreu uma trajetória de modificações políticas de grande significado e impacto. O Brasil, que se caracterizava como um país democrático e populista nos anos cinquenta, passou por uma inflexão institucional em 1964, quando da implantação do regime autoritário militar. O período do autoritarismo perdurou por cerca de vinte anos, até que nova mudança política se processou com a liberalização do regime ao final dos anos setenta o início da década de oitenta.

Os direitos sociais e direitos humanos determinam, nesse texto, um mesmo ponto de partida - o conceito, a perspectiva histórica e um projeto a ser encarnado. Essa dupla expressão circunda pessoas, grupos e classes sociais. O envolvimento do catolicismo nessas questões contribuirá para renovar sua própria prática. Trata-se, na

realidade, de um tema concreto, vital. As conquistas alcançadas foram antecipadas por lutas e desafios a serem respondidos (Cf. PASSOS; DELGADO, 2004). Estamos no período do regime militar e, entre outras classes sociais, os trabalhadores, particularmente os operários foram diretamente afetados por este regime. Foram destituídos do direito de se organizarem em sindicatos, de reivindicar seus direitos coletivamente em greve. As campanhas salariais foram tendo um esfriamento, a partir de 1978. O medo diante de prisões, perda do emprego e outra forma de repressão foram gerando passividade, desinteresse pelas reuniões e encontros dos grupos. Este tempo difícil e sombrio é relatado por um trabalhador da construção civil da região industrial de Contagem – Sr Laudelino de 79 anos. Ele era de uma cidade próxima à capital, Itatiaiuçu:

Tudo era muito perigoso naquela época. Eu chegava na hora para trabalhar. Conversava pouco. Um dia fui trabalhar com febre e muita dor de garganta por que se faltasse podia perder o emprego. Eu tinha 4 filhos, pagava aluguel e minha mãe estava doente. Pedia muito a Deus que me ajudasse e me desse força. A gente ia sempre à missa e participava do encontro de círculos bíblicos. Assim fui levando a vida

Seu filho, casado, com 32 anos faz uma observação diferente do pai. Era jovem e trabalhava numa fábrica de biscoitos:

As coisas eram difíceis, mas viver na roça era pior. Não tinha luz, escola, nem nada. Estudei depois de grande e se não fosse isso hoje, ainda estaria na construção civil. Trabalho no EPA, um supermercado que fica no bairro Nova Granada. Tenho uma creche para minhas duas filhas e minha mulher trabalha nessa mesma escola. Somos Ministros da Eucaristia e participamos da Renovação Carismática (DEPOIMENTO, 2008).

Esses relatos mostram a presença do religioso e sua força mística no cotidiano destas pessoas. Ocorre uma incorporação do religioso no cotidiano da ação – trabalho e religião. Sem trabalho não há nada, mas sem a proteção divina tudo é mais difícil. É necessário considerar também o apoio dado por religiosos, padres e agentes de pastorais aos diversos movimentos sociais que surgiram na periferia de Belo Horizonte neste período.

Os caminhos da história mostram as mudanças que foram ocorrendo no pensamento social da Igreja Católica, de Leão XIII ao Concílio Vaticano II.

Um desenho que não perdeu suas cores no cenário mineiro foi o movimento grevista de Contagem em 1968. Juntamente com outra que aconteceu em Osasco. Foi uma das poucas reações que fizeram frente à ditadura militar. Na década de 1970 os movimentos sociais tiveram um apoio institucionalizado de algumas dioceses do Brasil como São Paulo, Recife, João Pessoa, Goiânia, entre outros. Importa destacar, ainda, o Movimento do Custo de Vida que se difundiu por todo o país. As CEBS e outras pastorais souberam conduzi-lo, pois o AI-5 desmantelou muitas iniciativas, organizações e quaisquer formas de manifestação pública.

2º. Momento: “A Palavra se fez Ação”

A greve de Contagem envolveu uma série de trabalhadores. Foi uma luta salarial e uma forma de enfrentamento ao silêncio imposto pelo regime militar. O final da década de 1970 mostrou a importância de os trabalhadores se organizarem tanto política quanto sindicalmente. Em 1980 foi fundado o Partido dos Trabalhadores e três anos mais tarde foi criada a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Segundo GOHN (1995) no período de 1970 a 1980 os movimentos sociais apresentam novas demandas. Um novo perfil foi sendo articulado entre o terreno dos valores morais e as carências econômicas. Isso significa que as reivindicações não estavam apenas na ordem dos bens em falta, mas na luta pelos direitos sociais dos cidadãos. A necessidade por creches, a luta por transportes coletivos e pela educação demonstram novas necessidades em relação ao passado. Em setembro de 1981, uma nova encíclica social sobre o trabalho chama atenção sobre alguns aspectos – o primado da pessoa, o pensamento cristão sobre o trabalho humano e sua problemática. O Papa João Paulo II inicia o texto da encíclica abordando esses direitos: “É mediante o trabalho que o homem deve procurar-se o pão cotidiano e contribuir para o progresso contínuo das ciências e da técnica, e, sobretudo para a incessante elevação cultural e moral da sociedade” (JOÃO PAULO II, 1981).

No final de década de 1970, ampliou-se a luta pela cidadania. No entrecruzamento da realidade das camadas populares com a Igreja foi-se dando ênfase a uma pastoral popular. Como algumas greves foram consideradas ilegais e não havia espaço para os trabalhadores se encontrarem as igrejas, salões paróquias e outros espaços católicos foram postos à disposição dos sindicatos e dos movimentos populares. Isso já era uma forma de apoio e um novo gesto político.

O novo lugar que, progressivamente, o catolicismo foi ocupando na sociedade brasileira, neste período, modificou seu perfil tanto interno, quanto externamente. Foi ocorrendo, assim, uma metamorfose na compreensão de si mesmo. O seu perfil institucional foi sendo alterado. Com isso, a imagem tradicional da Igreja, sua linguagem e sua projeção na sociedade apresentavam uma nova direção. A instituição eclesial começava a abrir novos horizontes em sua práxis. O que a Igreja entende por justiça social? Neste sentido, preserva-se a herança da Juventude Operária Católica (JOC) das décadas anteriores. Este movimento valoriza a ação, a dignidade do trabalhador, a remuneração digna. Busca sua fundamentação nos princípios da doutrina social da Igreja. Em Minas Gerais a JOC teve sua ação na indústria têxtil, na construção civil, junto aos mineradores. Os jocistas trabalharam sempre em união com as paróquias, procurando renová-las e envolvê-las nas questões sociais, particularmente na região industrial. Na década de 1970 está ocorrendo a desagregação do movimento jocista, no entanto, alguns membros do movimento continuaram seu trabalho, seguindo seus princípios – Ver – Julgar e Agir. Este tripé consegue unir a teoria com a prática, Istoé, unir a palavra à ação. A ação é o ponto central, moldurado pela mística da palavra – o texto bíblico, os pronunciamentos da hierarquia, particularmente a doutrina social da igreja e os documentos pontifícios que tratam do trabalho.

Na década de 1970, esses princípios não desaparecem, recebem uma nova roupagem. A ação continua a ser o eixo central dos novos movimentos que surgem, particularmente as CEBs e a Pastoral Operária. Neste processo de reavivamento do catolicismo, intrincado de fatos e fragmentos, o programa de renovação foi-se implantando em diversos setores. Assim, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES) foi fundado em 1968 para assessorar a CNBB no campo político, econômico e social. Na região industrial de Belo Horizonte foram administrados cursos, encontros, seminários para a formação da base e das lideranças dos trabalhadores. Vários relatos comentam sobre a importância dessas iniciativas. Maria das Dores, uma doméstica daquele período faz a seguinte observação:

A gente tinha muitos encontros. Todo mundo ficava junto – padres, professores, estudantes, trabalhadores, jovens. Acontecia sempre na igreja ou no salão paroquial. A gente lia um texto da bíblia, fazia uma reflexão. Muita gente falava, discutia. Os profetas eram sempre lembrados. Não esqueço que isso mudou minha cabeça. Antes entendia que o profeta dizia o que ia acontecer, depois aprendi que profeta é aquele que denuncia o mal, as

injustiças e anima a comunidade. Ele não deixa a gente perder a esperança na luta.

É nesse campo da mística que se foi reorganizando o trabalho com as camadas populares. Maria das Dores mudou de religião. Hoje é evangélica e trabalha com um grupo de senhoras num asilo de idosos. Começa o trabalho com cânticos e orações de louvor. Afirma que naquele tempo os adultos e os jovens trabalhavam e tinham tempo para ir à igreja. Segundo ela: “As duas coisas estavam juntas. Na igreja os padres falavam sobre trabalho e no trabalho a gente falava sobre a igreja, a reunião, as conversas e reflexões”. Sempre se refere a um franciscano que trabalhou na Cidade Industrial – Frei Eduardo Metz.

Em 24 de dezembro de 1978, realizou-se no bairro Eldorado, o 4º. Encontro dos líderes das CEBs do Setor Industrial. O tema era o mesmo da Campanha da Fraternidade: “Trabalho e Justiça para Todos”. Nessa mesma direção foi incentivada na região a Missa do 1º. de Maio, na Praça da Cemig. Ali se reuniam pessoas de todos os bairros. Traziam faixas, cartazes e faziam encenações com motivos e demandas do povo. O texto da celebração era preparado por membros de todas as comunidades. As músicas lembravam a caminhada do povo e vários fatos da vida abriam a celebração. Um morador desta região, bairro Lindóia, lembra que carregava uma faixa onde estava escrito: “A luta dos trabalhadores é pela vida”. Hoje com 36 anos conta que discutiram em muitas reuniões como seria a faixa, o texto, quem iria carregá-la. Segundo Leonildo: “Era um tempo duro, mas a gente encontrava. Hoje a juventude não participa muito. Os jovens viraram mais para festas e drogas”.

Seguindo os estudos de Hervieu-Léger (1999), a situação de mobilidade, típica de uma modernidade religiosa tecida pelas experiências pessoais, favorece a emergência de um cenário novo no campo religioso. Foi o que aconteceu com o catolicismo em Belo Horizonte. Assim, evidenciou-se nessa região um projeto significativo de “catolicismo militante”¹. Alimentou outras iniciativas junto aos trabalhadores na área industrial. O estilo e a forma de organizar eram novos. A bandeira da co-gestão contribuiu muito para a formação de lideranças junto às camadas populares. As negociações trabalhistas eram feitas pelo sindicato, membros da igreja e representantes populares. Esses setores de esquerda da Igreja Católica marcaram a história desses

¹ A propósito, lembro os estudos de PASSOS; ANTONIAZZI, DELGADO (2002).

movimentos. Souberam respeitar a pluralidade de opiniões, a autonomia dos sindicatos e, ainda, os desvios e problemas de cada dia. Foi um exercício de aprendizagem, como declara Frei Eliseu Lopes, ex-dominicano: "Antes, eu nunca tinha me dado conta de uma militância propriamente política. Mas também nunca tive muita abertura para esse negócio, para questões de ordem política. Quer dizer, eu comecei a sentir a barra através das pessoas. Através das pessoas" (DEPOIMENTOS, 2000).

Há-de se destacar, entre outros, a militância político-religiosa no município de Ibitiré na década de 1970. Inspirados na práxis sócio-política das CEBs, na Teologia da Libertação, na metodologia de Paulo Freire, esse grupo dinamizou práticas sociais, organizações de resistência e transformação social, animados pela consciência cristã, pela leitura da Bíblia, através dos Círculos Bíblicos. Com isso, foram criados, na região, vários núcleos e instrumentos de trabalho, tais como: a Seara do Senhor – espaço para reuniões, assembléias do clero, leigos e trabalhadores, formação bíblica e reuniões de Associações de Bairros; Grupo de Estudo e Trabalho e Educação Comunitária (GETEC); Centro de Estudos do Trabalho (CET); Jornal dos Bairros, Movimento de Luta contra a Carestia.

Dona Maria de Lourdes ao lembrar esse tempo em Ibitiré faz o seguinte comentário:

Aqui não tinha nada. As casas estavam longe, perto só o mato e o esgoto. Esta rua tinha o nome de Rua do Buraco. Era preciso atravessar uma ponte de madeira muito perigosa para pegar o ônibus. A gente andava em cima do perigo. As reuniões ajudaram a união das pessoas. Não sei como agradecer uma vizinha [Ela não se lembra mais do nome] que cuidava de meu filho de três anos quando eu saía para fazer faxina. Hoje tudo mudou. A gente melhorou muito, louvado seja Deus.

Esse relato e outros retomam a situação da década de 1970. Segundo o pensamento de Halbwachs, o passado não é um acontecimento objetivo, mas uma reconstrução coletiva (HALBWACHS, 1990). Portanto, o indivíduo que lembra está inserido num grupo e tem aí suas referências. A memória reconstrói e reencontra os fatos, segundo as normas de sua função no presente. A reconstrução da memória está carregada de sentimentos, pois a pertença a grupos representa uniões afetivas. Os sentimentos dão cor, forma e densidade às recordações.

O movimento dos trabalhadores contou também com a assessoria e estudos de sociólogos, economistas, historiadores, antropólogos, teólogos. Isso marcou diferenças,

mas havia um denominador comum – o movimento era visto como fonte de poder social. A Igreja Católica era uma matriz formadora desta fonte e nova forma social (SADER, 1988). Junto aos trabalhos que foram desenvolvidos, destaco as publicações populares que orientavam os encontros e reuniões. As editoras católicas Vozes e Paulinas contribuíram com a publicação, em versão popular de documentos oficiais da igreja – a encíclica de João Paulo II sobre o Trabalho Humano, textos do Centro de defesa dos direitos humanos, publicações regionais, boletins, material mimeografado etc. José Silva, um trabalhador da Mannesman, ao lembrar os encontros das CEBs no Bairro Vale do Jatobá afirma:

Os coordenadores distribuía textos sobre religião, política, história da vida do trabalhador. A gente lia, comentava e levava os textos para casa. Cada semana estudava uma parte. Isso me ajudou a compreender muita coisa. De vez em quando havia discussão entre as pessoas, porque algumas pessoas afirmavam que aquele assunto não era religioso. Até o folheto da missa comentava fatos que tinham acontecido no país ou no bairro, como a prisão de dois sindicalistas e a violência da polícia contra as pessoas que trabalhavam no jornal.

A atividade estava centrada na formação do trabalhador, na história do trabalho, nos direitos humanos. No entanto, havia conflito entre os participantes. Nem todos compreendiam esse tipo de discussão nas CEBs, nos Círculos Bíblicos. As diferenças eram demarcadas nos próprios participantes, pois o significado da religião estava atrelado à devoção, orações e outras formas de expressão religiosa. As pessoas tinham sido educadas num tipo de religiosidade interna. Neste sentido o consumo religioso estava regulado pela procura e oferta: “As relações entre procura, produção e consumo religioso são – sem dúvida alguma – múltiplas e complexas”. (MADURO, 1983, p. 134-138). A proposta de adequar religião e política, palavra e ação, mística e realidade encontrou muitas dificuldades. A Pastoral Operária assumiu muitas tarefas extra-eclesiais o que gerou problemas e divergências entre seus membros, com a hierarquia e com outros grupos de esquerda. No entanto, é importante salientar que as diversas pastorais sociais reforçaram o movimento dos setores populares. Essa pastoral militante integrava a pauta de reivindicações, tais como, moradia, transporte, educação, salário justo, água.

Em janeiro de 1968, um grupo de trabalhadores da América Latina entregou ao Papa Paulo VI uma Carta Aberta, por ocasião da II Conferência do Episcopado Latino

Americano em Medellín. Essa carta foi comentada nas CEBs, nos encontros da Pastoral Operária e em diversas assembléias. Os trabalhadores agradecem ao Papa Paulo VI a publicação da encíclica *Populorum progressio*:

Tua carta agradou muito aos trabalhadores, aos camponeses, às mulheres que trabalham, aos moradores dos subúrbios e a juventude popular. Apareces verdadeiramente colossal em tua missão de *advogado dos povos pobres*. Tua linguagem assemelha-se à nossa. És compreensível para todos. És claro e direto. És duro, como nosso sofrimento, ao denunciar a secular insensibilidade dos donos da riqueza e do poder. [...] Interpretaste nossas angústias diárias de homens que fazemos parte dos *povos famintos que interpelam hoje com acento dramático os povos opulentos*. [...] Os que escrevemos esta carta aberta somos trabalhadores, dirigentes sindicais, operários e camponeses. (SEDOC, 1969).

A conjuntura religiosa e sócio-política deste período favoreceu uma nova forma de ser Igreja, permitindo seu avanço, abertura política e luta junto às causas das camadas populares. As encíclicas sócias de Leão XIII (*Rerum novarum*), João XXIII (*Mater et magistra*), Paulo VI (*Populorum progressio*) eram sempre comentadas e estudadas nos encontros de formação. Este fragmento da Carta dos Trabalhadores demonstra isso.

A vinculação entre catolicismo e questões sociais possibilitava o encontro com o outro no horizonte da ética, à medida que o aspecto político contornava a realidade e permitia julgá-la à luz dos princípios cristãos. Essa interseção propiciou o fortalecimento do ideal de solidariedade, numa procura permanente de justiça.

È importante ressaltar que em todo esse processo, o principal agente que se vai operando no interior desta prática e nova experiência são as camadas populares. São o “novo sujeito social” e o “novo sujeito religioso”, usando uma expressão de Gustavo Gutierrez. Uma senhora de 70 anos, que trabalhava na década de 1970 e, atualmente desenvolve uma atividade na “Casa da mulher Trabalhadora” afirma:

A gente não tinha nada aqui. Era preciso buscar água longe e na mão. As crianças tinham que atravessar uma ponte de madeira e andar mais de meia hora para chegar à escola. Os trabalhadores andavam muito para pagar o ônibus. Tudo começou na igreja. Tinha reunião, círculo bíblico, culto três vezes na semana. Quase todo domingo, a comunidade reunia para a missa e depois tratava dos problemas. Os padres falavam mesmo. Iam com a gente na prefeitura, chamavam os políticos. Com isso, foi formando uma liderança. Tudo que tem aqui foi fruto de muita luta, de muito trabalho e de muita fé em Deus.

Esse depoimento demonstra o desejo de unir, participar e agir em vista do bem da coletividade. Os laços de solidariedade marcaram seu lugar, ocuparam espaço e se fizeram presentes, por um lado. De outra parte, essas novas formulações do catolicismo resultaram do seu contato e entrosamento com a realidade histórica. Fruto de um exercício de aprendizagem. Isso não significa que a presença e o discurso religioso tivessem sido lineares. Existiam divergências e contradições dentro da própria igreja, entre os padres e leigos. O depoimento acima, como também os anteriores, revelam uma narração portadora de sentido, isto é, une a memória com o desejo que tocou a vida daquelas pessoas.

No desenrolar das entrevistas, pude constatar que as narrativas não eram apenas informações ou dados para se compor uma história. Cada depoimento era feito de moldura humana. Tinha uma combinação de narração com vivência. Os fatos não eram somente lembrados, eram revividos. Cada narrador expressava com olhar e palavras, emoção e experiência. Ocorre, assim, uma modelagem histórica. As narrativas são lugares de elaboração de sentido.

Infelizmente não consegui nenhum depoimento que tratasse da greve de Contagem de 1968. As pessoas que falaram do movimentos dos trabalhadores ainda não moravam em Belo Horizonte. Um trabalhador da Magnesita tinha recordações, mas fez apenas a seguinte declaração:

Foi muito difícil. Os encarregados e chefes vigiavam todo mundo, punham medo e ameaçavam manter embora quem participasse da greve. Houve um acidente horrroso também. Um colega caiu no poço do britador, vimos o pobre cortado lá dentro e fomos retirados para voltar ao trabalho. Greve não é fácil. Muita gente perdeu o emprego, foi preso, apanhou da polícia. Pobre sofre demais e a gente precisa do emprego, pois tem filho, aluguel e muita coisa pra pagar. Hoje está melhor. É preciso ter confiança em Deus.

Altamiro contou pedaços da história, mas seu sentimento foi maior. Os fatos lembrados estavam amarrados na dor, no medo e no cuidado. A solidariedade ao colega morto é o grito ou murmúrio contra a violência. Em 1979, durante a greve dos trabalhadores da construção civil, Orocílio Martins Gonçalves foi morto pela polícia. Esses fatos povoaram mais sua lembrança, “uma sociologia da emoção”, como afirma Flávio Rangel no livro de BOSI (1983). O silêncio mostra que a memória é também um campo de significação.

A compreensão da história do movimento dos trabalhadores em Belo Horizonte requer novas abordagens e novas formas de investigação sobre a afinidade político-religiosa que perpassa esse período. A partir dos depoimentos é possível compreender o significado do religioso e de suas várias formas de articulação.

Como muitos trabalhadores tinham vindo do interior o espaço religioso foi o contorno para que as pessoas se encontrassem, manifestassem suas emoções e expressassem seus valores. Com isso, a utopia ganhava expressão no coletivo e no grupo. O religioso era uma expressão para que as pessoas pudessem (re) estruturar suas vidas. Era a força que movia individual e coletivamente o grupo de trabalhadores. Estava dentro de cada um, “era a parte mais íntima”. A mística é também uma forma de luta para inserir-se corajosa e solidariamente num movimento pela transformação da sociedade. É busca pela recuperação da *humanitas* no ser humano.

Referências bibliográficas

- ANTONIAZZI, Alberto; PASSOS, Mauro; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **As veredas de João na barca de Pedro**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- CERTEAU, Michel. **La fable mystique (XVI – XVII siècle)**. Paris: Gallimard, 1982.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Ásperos Tempos – Catolicismo Direitos Humanos e Direitos Sociais: Brasil anos sessenta e setenta. In: CABRERA, Olga (org). **Experiências e Memórias**. Goiânia: UFG/ ECAB Editorial/ Editora Vieira, 2001.
- DEPOIMENTO DE ELISEU LOPES concedido aos pesquisadores Lucília de Almeida Neves Delgado e Mauro Passos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 2002.
- DEPOIMENTO PARA PESQUISA – DEPOIS DO DILÚVIO A BONANÇA? Coordenação do Prof. Mauro Passos do Mestrado em Ciências da Religião, 2008.
- HALBBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. **Le pèlerin et le converti** – la religion en mouvement. Paris: Flammarion, 1999.
- JOÃO PAULO II. **Laborem exercens**. (O trabalho humano). Petrópolis: Vozes, 1981.
- MADURO, Otto. **Religião e luta de classes**. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

PASSOS, Mauro; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Silêncios e diálogos: o catolicismo e a defesa dos direitos sociais e humanos ante à intolerância política da ditadura militar no Brasil (1964-1985). **Horizonte**, no.5, v. 3, 2004, p. 67-81.

PASSOS, Mauro. **A classe trabalhadora em Minas Gerais e a igreja católica – a ponta de uma memória (1900-1930)**. São Paulo: Loyola, 1991.

PORTELLI, Alessandro. No momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO (SEDOC), v. 1, n. 7, p. 997-1010, jan. 1969.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Vozes, 2000.